

Resenha



Monumentos e Memória

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora da UNESP, 2001, 284 p.

Uma das pedras de toque do turismo cultural é, sem dúvida, a visitação a monumentos históricos e artísticos, geralmente agrupados no que se convencionou definir, no Brasil, como *Patrimônio Histórico*. E um grande problema nesta área no Brasil, nos últimos anos, tem sido a gestão, associada à preservação, de bens patrimoniais utilizados como atrativos turísticos. Em muitos casos, no afã de gerar renda, agregar valor a um determinado roteiro e, de alguma forma, criar alternativas econômicas para certas comunidades, "aproveitando-se" a existência de um monumento, esquece-se o óbvio: discutir o que faz daquele monumento um *patrimônio*, tentar compreender como ele toma parte da vida do lugar, como se dão as relações entre ele e a população local. Quase sempre isso ocorre por absoluta falta de embasamento teórico em relação ao tema.

Com o lançamento da edição brasileira de **L'allégorie du patrimoine**, de Françoise Choay, com um atraso de nove anos em relação à sua primeira edição francesa, finalmente se torna mais acessível esta obra fundamental para o entendimento de questões teóricas relativas ao universo

da preservação patrimonial. O livro não se trata de um manual de restauro, nem tampouco de roteiro para a criação de atrativos turísticos de fundo histórico. Então, por quais motivos ele interessaria aos profissionais de Turismo?

A verdade é que **A alegoria do patrimônio** nos mostra, de modo crítico e didático, como se deu a evolução do conceito de *monumento* ao longo da História ocidental e, mais ainda, como este conceito está associado ao imaginário e à *memória* das populações que convivem com determinados bens patrimoniais, além de discutir as relações entre o poder público e a instituição de *monumentos*.

Desse modo, o livro se inicia, na *Introdução*, com uma discussão sobre os conceitos de patrimônio e monumento, relacionando-os à construção da identidade histórica e à memória local. O primeiro capítulo, intitulado *Os humanismos e o monumento antigo*, nos remete à Antigüidade greco-romana e à Idade Média, desnudando as formas pelas quais o *monumento* tomava parte na vida cotidiana dos povos europeus até as portas do Renascimento. O segundo capítulo, *A época dos antiquários: monumentos reais e monumentos figurados*, aborda a transmutação do *monumento* em alegoria, primeiro sob a égide da Renascença e depois na opulência do Barroco, mostrando a relação deste processo com o Humanismo, o surgimento das

nações européias como Estados e, já no século XVIII, com a *Ilustração* e o Antigo Regime. O terceiro capítulo, *A Revolução Francesa*, trata especificamente do modo como aquele momento histórico tratou os *monumentos*, num primeiro instante, como elementos de representação do poder absolutista e clerical, destruindo e depredando boa parte deles e, depois, alçando-os à posição de símbolos da nacionalidade francesa, especialmente no período napoleônico. No capítulo seguinte, *A consagração do monumento histórico (1820-1960)*, Choay descreve como se deu o processo de construção do conceito de *monumento histórico*, desde o Romantismo do século XIX até o Pós-Guerras de meados do século XX. Em *A invenção do patrimônio urbano* fica clara a importância de Haussmann¹, o reformulador da Paris do oitocentos, para a demarcação e apartamento definitivo entre as “cidades do passado” e as “cidades do presente”, ou seja, a separação entre mundo rural - ligado ao passado - e vida urbana - ligada à modernidade da Revolução Industrial. No sexto capítulo, intitulado *O patrimônio histórico na era da indústria cultural*, Françoise Choay mostra as relações que se construíram, no mundo pós-moderno, entre a indústria cultural - baseada no simulacro - e o *patrimônio*, discutindo a forma como sua conservação passa, muitas vezes, apenas pelo interesse econômico-financeiro e, não

mais, por sua relação com a identidade de uma determinada população ou sua relevância histórico-cultural. Por fim, em sua conclusão, *A competência de edificar*, a autora retoma algumas questões tratadas ao longo do livro e discute-as tendo como pano de fundo a cultura de massa do final do século XX, criticando a crescente *inflação* de bens patrimoniais por que passa o mundo contemporâneo.

Um detalhe à parte em **A alegoria do patrimônio** é sua iconografia. As ilustrações do livro, mesmo sendo apenas em preto e branco, clarificam os conceitos e idéias presentes em suas páginas, tornando sua compreensão mais imediata.

Esses são os motivos que fazem ser a leitura deste livro uma tarefa imprescindível àqueles que lidam com os monumentos e bens patrimoniais no Brasil, quer sejam profissionais da área de restauro, quer sejam da indústria do Turismo.

Carla Mary S. Oliveira

Pesquisadora do LABTUR-IESP
e Professora da Graduação em
Turismo do IESP

¹ Georges Eugène Haussmann (1809-91), urbanista francês que extensivamente redesenhou Paris sob o reinado de Napoleão III (1852-70). Seus projetos incluíram a construção de novos e mais largos bulevares, a instalação da estação ferroviária fora da área central da cidade, e novos parques - em particular, o Bois de Boulogne. Grandes setores da Paris medieval foram varridos por sua reconstrução da cidade. As formas dominantes nos projetos de Haussmann eram as de largos e longos bulevares, pontuados por praças circulares, propiciando vistas soberbas dos principais monumentos parisienses, tais como a Ópera e o Arco do Triunfo. Suas inovações tiveram uma forte influência em muitos dos projetos de reurbanização do início do século XX efetivados na Europa, na América Latina (especialmente Brasil e Argentina), e em muitas colônias francesas então espalhadas pelo mundo.